

Entrevista com Arnulf Deppermann

Interview with Arnulf Deppermann

Ulrike SCHRÖDER 

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil
ulrike@ufmg.br

Resumo: Apresentamos uma entrevista com Prof. Dr. Arnulf Deppermann, diretor do Departamento de Pragmática do Instituto Leibniz de Língua Alemã (*Institut für Deutsche Sprache*). A entrevista foi realizada em 31 de março de 2026, no Instituto Leibniz de Língua Alemã, em Mannheim, pela Profa. Dra. Ulrike Schröder (UFMG). Ela aborda uma série de questões relativas ao estado atual da análise da conversa e da linguística interacional, incluindo sua recepção global, seu desenvolvimento histórico e sua diversificação em curso. Também discute questões metodológicas, como a integração de recursos multimodais às transcrições, o uso de ferramentas de reconhecimento automático de fala (ASR) baseadas em inteligência artificial para a transcrição e a construção de corpora. Além disso, considera as limitações da análise da conversa, suas possíveis interfaces com outras abordagens e tendências mais amplas da linguística contemporânea. A entrevista foi originalmente realizada em alemão. Posteriormente, foi transcrita, revisada e adaptada para uma versão escrita adequada à publicação acadêmica, antes de ser traduzida para o inglês e o português. Para fins de clareza e contextualização, todas as referências a linguistas mencionados durante a entrevista foram ampliadas de modo a incluir seus nomes e sobrenomes, e foram acrescentadas notas com links para suas páginas pessoais, perfis universitários ou verbetes enciclopédicos.

Palavras-chave: análise da conversa; linguística interacional; multimodalidade; corpora; fala-em-interação.

Abstract: The following text presents an interview with Prof. Dr. Arnulf Deppermann, director of the Department of Pragmatics at the Leibniz Institute for the German Language (*Institut für Deutsche Sprache*). The interview was conducted on March 31, 2026, at the Leibniz Institute for the German Language in Mannheim by Prof. Dr. Ulrike Schröder (UFMG). It addresses a range of issues concerning the current state of conversation analysis and interactional linguistics, including their global reception, historical development, and ongoing

diversification. It also discusses methodological questions, such as the integration of multimodal resources into transcripts, the use of AI-based automatic speech recognition (ASR) tools for transcription, and corpus construction. In addition, it considers the limitations of conversation analysis, its possible interfaces with other approaches, and broader tendencies in contemporary linguistics. The interview was originally conducted in German. It was subsequently transcribed, revised, and adapted into a written version suitable for academic publication before being translated into English and Portuguese. For the sake of clarity and contextualization, all references to linguists mentioned during the interview have been expanded to include their first and last names, and footnotes with links to their homepages, university profiles, or encyclopedic entries have been added.

Keywords: conversation analysis; interactional linguistics; multimodality; corpora; talk-in-interaction.

1 INTRODUÇÃO A ARNULF DEPPERMAN

Arnulf Deppermann é um pesquisador de reconhecimento internacional nos campos da análise da conversa e da linguística interacional. Sua produção acadêmica trouxe contribuições fundamentais para o estudo da constituição interacional de ações e significados, da gramática na interação, da multimodalidade e de uma pragmática empiricamente fundamentada em dados autênticos. Ele é diretor do Departamento de Pragmática do Instituto Leibniz de Língua Alemã (*Institut für Deutsche Sprache*).¹ Sua obra compreende 204 artigos e outras publicações acadêmicas, dez monografias ou livros de autoria própria e 29 coletâneas, anuários e números especiais organizados ou coorganizados. Sua trajetória de pesquisa também estabelece uma interface importante com a linguística de *corpus* da língua falada, sobretudo por meio da investigação e do desenvolvimento de recursos para o estudo do alemão em interação. Deppermann atua como editor associado do *Journal of Pragmatics* (Elsevier)² e integra os conselhos editoriais de *Intercultural Pragmatics* (De Gruyter Brill),³ *Interactional Linguistics* (John Benjamins),⁴ *Pragmatics* (John Benjamins),⁵ *Research on Language and Social*

¹ <https://www.ids-mannheim.de/>

² <https://www.sciencedirect.com/journal/journal-of-pragmatics>

³ <https://www.degruyterbrill.com/de/journal/key/iprg/html>

⁴ <https://benjamins.com/catalog/il>

⁵ <https://www.jbe-platform.com/content/journals/24064238>

Interaction (Taylor & Francis) ⁶ e da série *Studies in Interactional Sociolinguistics* (CUP).⁷ É também coeditor-chefe de *Gesprächsforschung: Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion* (IDS), ⁸ editor da coleção *OraLingua* (Meiner)⁹ e coeditor da série *Studien zur Deutschen Sprache* (IDS).¹⁰

2 A ENTREVISTA

Ulrike Schröder – Muito obrigada por reservar seu tempo para conceder esta entrevista. Para começar, eu gostaria de saber mais sobre sua formação acadêmica. O senhor estudou psicologia, filologia e filosofia, correto?

Arnulf Deppermann – Sim, psicologia, filosofia e linguística alemã.

Ulrike Schröder – E, no início, o senhor trabalhou em áreas bastante diferentes. Atuou como pesquisador, primeiro em psicologia e depois em sociologia. Como chegou à análise da conversa? O que o levou a se dedicar a ela?

Arnulf Deppermann – Sim, durante meus estudos de psicologia, eu estava muito insatisfeito com o fato de que, por um lado, apenas métodos quantitativos eram ensinados. Por outro lado, trabalhei como assistente estudantil em um projeto que analisava entrevistas biográficas com veteranos da Segunda Guerra Mundial que haviam sofrido lesões cerebrais. Por meio desse trabalho, percebi que aquilo que realmente me interessava, em primeiro lugar, era a linguagem e a comunicação. Inicialmente, esse interesse surgiu de uma perspectiva metodológica e, depois, por meio de teorias narratológicas, da teoria dos atos de fala e da análise da conversa, a fim de dispor de uma base melhor para avaliar esses dados.

Ulrike Schröder – Quem foi particularmente importante para o senhor naquele período, nas décadas de 1980 e 1990?

⁶ <https://www.tandfonline.com/journals/hrls20>

⁷ <https://www.cambridge.org/core/series/studies-in-interactional-sociolinguistics/>

⁸ <http://www.gespraechsforschung-ozs.de/>

⁹ <https://meiner-elibrary.de/book-series/110/oralingua>

¹⁰ <https://pub.ids-mannheim.de/laufend/studien/>

Arnulf Deppermann – Comecei esse trabalho como assistente estudantil em 1989 e, em 1990 e 1991, fiz de fato um estágio aqui no IDS com Werner Nothdurft¹¹ e Werner Kallmeyer.¹² Foi assim que cheguei à análise da conversa. Antes disso, eu havia trabalhado com teoria narrativa, seguindo Fritz Schütze.¹³ [...] Em seguida, escrevi uma tese de doutorado que já se orientava pela análise da conversa, sobre credibilidade em conversas de conflito. Ainda concluí o doutorado em psicologia, mas fui orientado por Johannes Schwitalla,¹⁴ que, naquela época, era uma figura muito importante no campo da análise da conversa na Alemanha.

Ulrike Schröder – Ele organizou aquele excelente livro com o qual hoje também podemos trabalhar no exterior.

Arnulf Deppermann – Sim, *Gesprochenes Deutsch*.¹⁵

Ulrike Schröder – Exatamente.

Arnulf Deppermann – Sim, e isso também foi muito útil naquele momento, porque eu conhecia versões preliminares, justamente durante o período em que escrevia minha tese. Ocasionalmente, ele me entregava capítulos para ler, e eu deveria dar um retorno. E então percebi que não havia lugar para mim na psicologia para esse tipo de pesquisa. Durante o doutorado, também estudei alemão e filosofia, a fim de obter uma formação em alemão. Depois disso, porém, passei os primeiros nove anos na sociologia. [...] Ali tive a feliz circunstância de que o coordenador do meu projeto na época, Klaus Neumann-Braun,¹⁶ em Frankfurt, queria alguém para desenvolver um projeto sobre a interação entre adolescentes. Isso me deu a oportunidade de fazer análise da conversa em um contexto sociológico. Também tive a oportunidade de me qualificar linguisticamente, porque ficou claro para mim que meu futuro não estaria na sociologia. Não sou sociólogo e

¹¹ https://pub.ids-mannheim.de/autoren/ehem-ids/nothdurft_werner/

¹² <https://www.ids-mannheim.de/org/personal/ehem-ids/kallmeyer/>

¹³ <https://soz.ovgu.de/Mikrosoziologie/Ehemalige+und+Emeriti/>

¹⁴ <https://www.germanistik.uni-wuerzburg.de/spraw/team/ehemalige-mitarbeiter/prof-dr-johannes-schwitalla/>

¹⁵ <https://pub.ids-mannheim.de/extern/grg/grg33.html>

¹⁶ <http://klaus-neumann-braun.de/>

tampouco me interessava primordialmente por temas sociológicos. Então, em 2006, obtive uma cátedra de linguística alemã em Düsseldorf.

Ulrike Schröder – Eu gostaria de saber como o senhor descreveria as diferenças entre a análise da conversa etnometodológica nos Estados Unidos e a *Gesprächsanalyse* na Alemanha, e onde o senhor se situaria, especialmente no contexto da linguística interacional.

Arnulf Deppermann – Bem, em 2000 fundamos a revista *Gesprächsforschung*, e fizemos isso de modo bastante deliberado, porque a *Gesprächsforschung* na Alemanha certamente apresenta características um pouco diferentes daquelas encontradas nos contextos norte-americano ou escandinavo. Nos Estados Unidos e na Escandinávia, a maioria dos pesquisadores ainda é fortemente orientada pela análise da conversa clássica e por seus conceitos. Na Alemanha, em contrapartida, *Gesprächsforschung* sempre tendeu a funcionar como um termo abrangente para toda uma gama de abordagens diferentes. Entre elas estão, naturalmente, a análise da conversa, mas também a pragmática funcional, abordagens de caráter mais etnográfico, a sociolinguística interacional e pesquisadores oriundos da pragmática.

Ulrike Schröder – Isso ocorreu na década de 1980, certo?

Arnulf Deppermann – Sim, Franz Hundsnißcher¹⁷ e aquelas pessoas sempre foram, de algum modo, muito orientados pela teoria. E eu diria que, na Alemanha, isso mudou ao longo dos últimos vinte anos, no sentido de que os pesquisadores agora buscam conexões mais estreitas com a pesquisa internacional. Isto é, faz-se mais análise da conversa. Ao mesmo tempo, naturalmente, a própria concepção de análise da conversa também se ampliou. Por um lado, isso se deve sobretudo à pesquisa multimodal, que trouxe para o primeiro plano novas questões, métodos e fenômenos que, de fato, vão além da análise da conversa clássica. O outro ponto é que, tanto na Alemanha quanto em outros países, a análise da conversa tendeu basicamente a se deslocar da sociologia para a linguística. Na sociologia, praticamente já não se faz mais análise da conversa. Originalmente, ela veio

¹⁷ www.germanistenverzeichnis.phil.uni-erlangen.de/institutslisten/files/de/01000_de/

de lá, inclusive na Alemanha, onde foi introduzida por Jörg Bergmann.¹⁸ Mas hoje devo dizer que não conheço nenhum sociólogo de grande projeção que faça análise da conversa.

Ulrike Schröder – Talvez Christian Meyer?¹⁹

Arnulf Deppermann – Sim, proveniente da etnometodologia. Eu não chamaria isso de análise da conversa. Ruth Ayaß²⁰ também se situa mais na etnometodologia. São as pessoas que ainda estão mais próximas dela.

Ulrike Schröder – Eles também pertencem àquela primeira geração.

Arnulf Deppermann – Eles a conhecem bem, e ambos foram formados diretamente por Jörg Bergmann. Naturalmente. Fora isso, porém, houve tentativas ocasionais, bastante hesitantes, de reavivar uma espécie de sociologia da interação. [...] Também devo dizer que a etnometodologia e a análise da conversa realmente se desenvolveram separadamente. Creio que sempre foram diferentes, mas hoje existem, em alguns casos, oposições extremas, com etnometodólogos distanciando-se de forma acentuada da análise da conversa e afirmando que os analistas da conversa traíram seus fundamentos. Metodologicamente, a linguística interacional não se distingue de modo fundamental da análise da conversa. Ela tem questões de pesquisa diferentes, porque é claro que o interesse pelas formas linguísticas e pelas distinções mais finas envolvidas na combinação de diferentes formas linguísticas ocupa uma posição mais central. Há também uma tendência de os linguistas trabalharem com corpora e bases de dados relativamente grandes, além de iniciarem suas pesquisas com análises baseadas na forma. Isso é claramente reconhecível. Penso que eles não conheçam tão profundamente a herança sociológica da análise da conversa e suas raízes sociológicas. Poucos pesquisadores mais jovens hoje realmente leram Alfred Schütz²¹ ou Erving Goffman²² ou conhecem John Gumperz.²³ Portanto, trata-se claramente de uma perspectiva mais linguística, embora

¹⁸ https://ekvv.uni-bielefeld.de/pers_publ/publ/PersonDetail.jsp?personId=190519

¹⁹ <https://www.uni-konstanz.de/centre-for-human-data-society/people/leere-model-1-1-1-1-1>

²⁰ <https://www.uni-bielefeld.de/fakultaeten/soziologie/fakultaet/personen/ayass/>

²¹ www.kim.uni-konstanz.de/soz-archiv/archivbestaende/bestaende-a-z/schuetz-alfred/

²² <https://cdclv.unlv.edu/ega/>

²³ <https://digicoll.lib.berkeley.edu/search?ln=en&p=anthrohub>

a metodologia da análise sequencial e o trabalho com coleções correspondam ao que também se faz na análise da conversa. Mas não na etnometodologia, naturalmente, pois os etnometodólogos não trabalham com conversas.

Ulrike Schröder – Um colega muito proeminente da análise da conversa disse-me recentemente que acredita que a análise da conversa está se aproximando do fim, porque está se perdendo em questões detalhistas. O senhor concordaria ou diria que ela está se diversificando e que isso não é necessariamente algo negativo?

Arnulf Deppermann – Creio que, se observarmos isso da perspectiva da história da ciência, trata-se de um desenvolvimento típico de disciplinas que se estabeleceram e se estabilizaram. É claro que, hoje, é bastante difícil estabelecer um grande tema novo sobre o qual nada tenha sido feito anteriormente. Esse é um ponto. Hoje já não se pode proceder como Harvey Sacks ²⁴ fazia na década de 1960, dizendo: abordarei os dados completamente sem pressupostos e então encontrarei algum fenômeno e simplesmente o analisarei. Quero dizer, hoje estamos situados em uma história cumulativa de pesquisa que se desenvolveu ao longo de sessenta anos. E as pessoas devem conhecer essa história quando investigam algum fenômeno específico. Mas, naturalmente, isso também molda a maneira como vemos as coisas. É certamente verdade que, em parte, estamos testemunhando uma miniaturização das questões de pesquisa. Também vejo isso, e naturalmente os trabalhos se tornam cada vez mais especializados e cada vez mais minuciosos. Essa tendência é ainda mais forte no mundo anglófono do que no mundo de língua alemã. Se submeto o mesmo artigo — não linguisticamente, mas em termos de conteúdo — em alemão, a reação frequentemente é a de que a análise é estreita demais: deveria mostrar mais variação, dar conta de maior variância e dizer mais sobre como a prática funciona em geral. No mundo de língua inglesa, ocorre exatamente o contrário. Os pareceristas tendem a dizer que o trabalho é amplo demais e que se deveria concentrar em um contexto específico de uso com uma forma, ou no máximo duas, para que algo possa ser comparado de modo mais eficaz. Essas são, sem dúvida, culturas

²⁴ <http://www.garfinkelarchive.com/sacks>

acadêmicas diferentes. [...] Na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos, na Finlândia e assim por diante, observam-se muitas trajetórias nas quais as pessoas permaneceram muito estreitamente dentro de um contexto temático, praticamente desde a dissertação de mestrado, e obtêm cátedras com base nisso. Portanto, são culturas acadêmicas diferentes. [...] Diz-se sempre que a chamada análise da conversa é uma abordagem ateórica, preocupada apenas com achados empíricos. Isso não é verdade, mas essa impressão surge porque todos os artigos, em última instância, permanecem sob a premissa metodológica e colocam em primeiro plano a análise empírica. Seria certamente desejável publicar também mais artigos orientados para a teoria, artigos que mostrem o quadro mais amplo e tornem mais explícitos os resultados e as concepções de natureza socioteórica, teórico-interacional e teórica da compreensão que a análise da conversa produziu.

Ulrike Schröder – Também conheço essa tradição de pesquisa no Brasil. Muitos estudantes chegam à universidade, começam então uma introdução à pesquisa acadêmica, chamada aqui de "Iniciação Científica", e muitos continuam com o mesmo tema até o doutorado. Venho da Alemanha, dos estudos de comunicação em Essen-Duisburg, que têm uma orientação fortemente historiográfica e interdisciplinar, porque incorporavam de todas as disciplinas tudo aquilo que envolvesse comunicação. É por isso que frequentemente me pergunto: ainda podemos trabalhar com essa terminologia que a análise da conversa propõe? Em que medida ela se ajusta à história da ciência? O que isso significa concretamente para nossa própria teoria ou para nossa abordagem metodológica?

Arnulf Deppermann – Creio que essas são realmente culturas acadêmicas diferentes. Quero dizer, a cultura acadêmica norte-americana, que também orienta a análise da conversa, é pragmatista e, em geral, não possui uma dimensão de profundidade histórica. Hoje, naturalmente, encontramos na etnometodologia uma concepção bastante específica de historicidade. Considero-a extremamente ortodoxa, voltada para o passado e bastante exegético-bíblica no que diz respeito aos escritos de Harvey Sacks e Harold

Garfinkel²⁵. Mas, por um lado, trata-se naturalmente apenas de uma determinada profundidade histórica e, por outro, há uma seleção limitada de figuras canônicas às quais as pessoas se referem regularmente. Na análise da conversa, naturalmente, fazem-se ocasionalmente referências à fenomenologia e a Goffman. Outras referências são raras. O que é particularmente lamentável, é que também temos tradições alemãs de pesquisa linguística orientada para a comunicação: sobretudo Karl Bühler,²⁶ mas também Philipp Wegener²⁷ ou Hermann Paul,²⁸ que, em razão da barreira linguística, praticamente não são recebidos no contexto norte-americano.

Ulrike Schröder – Bühler foi traduzido muito tarde.

Arnulf Deppermann – Sim, e minha impressão é que ele não teve grande recepção, nem ali nem em outros lugares fora do mundo de língua alemã. E isso é lamentável. [...] Pode-se ver aqui que a crescente hegemonia linguística do inglês também leva a uma hegemonia teórica. Ao mesmo tempo, isso não explica tudo. Quero dizer, vemos, por exemplo, que muitas pessoas na análise da conversa se opõem a qualquer referência à pragmática — a Paul Grice,²⁹ John Searle³⁰ ou John Austin.³¹ E pode-se dizer: muito bem, o que essas pessoas fizeram metodologicamente não corresponde de modo algum ao que se faz na análise da conversa; não queremos trabalhar dessa maneira. Mas há, por um lado, certas ideias básicas e, por outro, certas linhas de pesquisa — especialmente quando se entra na área da formação da ação e da descrição da ação, que nos últimos anos têm desempenhado um papel cada vez maior na análise da conversa e na linguística interacional. Dever-se-ia realmente tomar conhecimento do que foi feito a esse respeito na pragmática. A maioria das pessoas na análise da conversa não o faz. E, em geral, quando se inclui isso em um artigo, é riscado. Os pareceristas dizem: não precisamos disso; tudo isso é mera especulação e não é empírico. São abordagens inúteis. [...]

²⁵ <http://www.garfinkelarchive.com/home>

²⁶ <https://geschichte.univie.ac.at/en/persons/karl-buehler>

²⁷ https://de.wikisource.org/wiki/Philipp_Wegener

²⁸ <https://uni-freiburg.de/hpcl-en/the-centre/>

²⁹ <https://plato.stanford.edu/entries/grice/>

³⁰ <https://philpeople.org/profiles/john-r-searle>

³¹ <https://plato.stanford.edu/entries/austin-jl>

Metodologicamente, considero isso compreensível e justificável, mas teoricamente, muitas vezes, vejo um problema nisso.

Ulrike Schröder – Concordo plenamente. Uma questão que me preocupa desde que comecei a me envolver mais de perto com a análise da conversa é, por exemplo, a coerência da análise da comunicação, uma vez que essa é, afinal, uma das pretensões da análise da conversa: investigar a “maquinaria da conversa”.³² Não compreendi por que certos termos ainda não foram modificados, por exemplo, “destinatário” e “design do destinatário”, mas também “falante” e “ouvinte”. O que é exatamente a abordagem “êmica” [...]? Nos manuais atuais, encontramos cada vez mais abreviações ou simplificações, em vez de uma discussão crítica dessas questões fundamentais relacionadas à terminologia. Charles Goodwin³³ também assinalou que a análise da conversa não pode, de modo algum, reivindicar para si uma abordagem “êmica”. Afinal, o termo vem da fonética e foi posteriormente adotado pela antropologia e pela etnografia da fala. Refere-se a um conceito abstrato que os membros de uma comunidade mobilizam em suas reflexões metacomunicativas sobre o processo de comunicação. Assim, pergunto-me: uma vez que a análise da conversa atribui valor particular a deixar a cognição de lado e examinar apenas a maquinaria, como se garante que os participantes da interação estejam de fato fazendo a mesma coisa, especialmente diante do pano de fundo da comunicação fragmentada?

Arnulf Deppermann – São muitas perguntas, ou melhor, uma pergunta que toca em muitos aspectos diferentes ao mesmo tempo. Talvez eu comece da seguinte maneira: penso que uma questão fundamental da análise da conversa, que ela não explicitou no início, é a questão de como a intersubjetividade é estabelecida e como ela é possível. Essa questão está relacionada tanto a esse aspecto êmico quanto à questão da cognição. São duas coisas que, naturalmente, estão estreitamente relacionadas. A ideia, inicialmente produtiva, da análise da conversa é que a intersubjetividade

³² Ver Liddicoat, Anthony J. 2007. *An Introduction to Conversation Analysis*. 3. ed. Londres: Bloomsbury Academic, p. 6. Essa compreensão remonta à ‘tecnologia da conversa’ de Sacks (Sacks, Harvey. 1984. On doing ‘being ordinary’, in Atkinson, J. M. & Heritage, J. (orgs.), *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 413–429.

³³ <http://www.sscnet.ucla.edu/clic/cgoodwin/>

não é garantida cognitivamente de modo algum, mas é produzida na interação, e que a organização sequencial da interação é, por um lado, o instrumento para produzir intersubjetividade e, por outro, a arena na qual a intersubjetividade pode ser exibida — por meio de práticas recíprocas de demonstração e da ideia de que os destinatários têm a possibilidade de exibir sua compreensão, assim como o falante de um turno pode mostrar se se sente adequadamente compreendido. Se quisermos falar de intersubjetividade, essa é, metodologicamente, uma abordagem empiricamente fecunda. Isso é particularmente verdadeiro se a compararmos, por exemplo, com a semântica de frames, que procede de maneira aporética porque, em última instância, não fornece critério algum para decidir se o frame A ou o frame B deve se aplicar. Isso vale para a análise crítica do discurso, que em geral é fortemente orientada pela teoria e frequentemente tão orientada por preconceitos quanto os preconceitos que sempre atribui às pessoas, começando já pela ideia de quais discursos são hegemônicos e assim por diante. No que diz respeito a essa empiricização da noção do que são intersubjetividade, conhecimento e assim por diante, considero a análise da conversa bem-sucedida e necessária. Mas considero completamente equivocado adotar uma postura anticognitivista, porque então já não podemos explicar grande parte do que acontece nas interações. Não há dúvida de que a inferência, por exemplo, desempenha um papel central nas interações. Ou considere a abordagem das histórias interacionais, da qual me ocupo mais de perto: pessoas que fazem repetidamente as mesmas coisas umas com as outras fazem-nas de modo bastante diferente na segunda, terceira, quinta ou vigésima vez em comparação com a primeira. E não se pode explicar isso de modo algum partindo da maquinaria. A maquinaria não tem história; a maquinaria não tem memória; a maquinaria não conhece intenções e não pode fazer inferências. E é aqui que se pode ver, hoje, onde estão as lacunas da análise da conversa. Não quero contorná-las sendo eclético e dizendo: muito bem, temos a maquinaria e, quanto ao restante, temos métodos de entrevista ou métodos psicolinguísticos. Minha visão é, antes, a de que se pode tentar investigar algo como terreno comum, memória e assim por diante, de forma histórico-interacional, para além da sequência. Para isso, são necessárias técnicas específicas de amostragem de dados e métodos específicos de análise de dados. É aporético tentar excluir a cognição da interação por

definição, porque então ou já não se pode falar de muitas coisas, ou se procede como fazem alguns analistas da conversa, por exemplo, na psicologia discursiva: eles recorrem constantemente a considerações cognitivas em suas análises, mas não deixam claro que fazem isso, limitando-se a afirmar que tudo é ação pública e observável. Posso ver que as pessoas lidam com inferências, mas a maneira como as praticam e como as descrevem não é simplesmente observável.

Ulrike Schröder – Isso de fato acontece com frequência.

Arnulf Deppermann – A outra questão diz respeito à perspectiva êmica. Não conheço particularmente bem a história da pesquisa sobre esse tema. Posso apenas dizer [...] que os termos usados pela análise da conversa — começando já por algo como “UCT”³⁴ ou “tomada de turnos”, ou ainda pelo conceito de “reparo” — são, naturalmente, termos acadêmicos que não têm um correlato direto em nenhum procedimento conceitual cotidiano. Isso vale para as categorizações de ações também. Quando uma categoria como “instrução” é usada na análise da conversa, ela não é necessariamente congruente com aquilo que uma pessoa comum entenderia por instrução. A consciência metapragmática dos leigos nunca foi realmente um critério, na análise da conversa, para a correção de sua reconstrução. A compreensão de “êmico” que a análise da conversa possui refere-se às orientações práticas dos participantes. Quando se diz “as pessoas se orientam para XY” ou “elas usam determinada prática”, a questão é aquilo que se mostra na ação e aquilo que é seguido situacionalmente como uma espécie de lógica da ação.

Ulrike Schröder – A percepção de que a linguagem não pode ser analisada isoladamente está se consolidando gradualmente na análise da conversa. É preciso observar também o que está acontecendo além do linguístico. Isso cria pontos de contato e sobreposições com campos de pesquisa que há muito se ocupam da multimodalidade, como os estudos de gestos ou a pesquisa etnográfica inicial. Minha impressão é que a análise da conversa tem alguma dificuldade com a questão de como essa interface deveria funcionar. Para tomar outro exemplo, as gestalts holísticas que vêm sendo cada vez mais investigadas também apresentam pontos de conexão com a

³⁴ Sigla de *turn-constructional unit* (unidade de construção de turno).

gramática de construções. Quando alguém produz um encolhimento facial, isso geralmente ocorre junto com outros encolhimentos, um encolhimento dos ombros e assim por diante. Já existem termos estabelecidos para esses fenômenos, mas não se deveria usá-los. E isso me parece ser um enorme problema para a transcrição. Onde começa o ecletismo?

Arnulf Deppermann – Essa é uma pergunta difícil. De uma perspectiva da análise da conversa, dir-se-ia que, se simplesmente importamos desde o início determinados conceitos de outras teorias e dizemos “agora os utilizarei como instrumento analítico”, as coisas frequentemente dão errado. Conheço exemplos disso, especialmente em relação aos gestos. Há pesquisadores, por exemplo, que afirmam estar fazendo um trabalho de análise da conversa e então dizem: agora vou perguntar como os gestos icônicos são usados na interação. Esse já apresenta um ponto de partida errado, porque gestos icônicos enquanto tais não são algo para o qual os participantes da conversa se orientam. O primeiro passo é sempre identificar quais gestos icônicos temos, ou então concentrar-se em gestos que tenham um uso sistemático específico. No ano passado, organizei um número especial com Tanya Stivers.³⁵ Ele inclui contribuições que mostram que as categorias analíticas a serem usadas para fazer referência aos fenômenos precisam primeiro ser elaboradas em análises detalhadas de casos singulares. Se, em seguida, quisermos testá-las quanto à sua generalizabilidade, à sua dependência de determinadas variáveis contextuais, à sua relação com gêneros ou algo desse tipo, então frequentemente é necessário codificar — e certamente no ponto em que se faz qualquer coisa estatística.

Ulrike Schröder – Vejo da mesma forma.

Arnulf Deppermann – Para mim, o mau ecletismo consiste em simplesmente tomar termos descritivos ou analíticos de diferentes componentes teóricos, e então utilizá-los desde o início para descrever os próprios dados. Uma referência significativa a teorias externas ou a outras teorias seria: primeiro realizei minha análise de maneira autóctone com os dados conversacionais. Vejo que há aqui certas sistematicidades que posso

³⁵ <https://sites.google.com/g.ucla.edu/tanya-stivers/home>

fundamentar com base nos dados, e agora talvez perceber que resultados semelhantes já foram produzidos, por exemplo, em contextos experimentais, ou que já foram postulados por certos teóricos, e que é possível identificar claramente uma congruência. Isso é absolutamente legítimo. [...]

Ulrike Schröder – Em quais países a linguística interacional é de fato praticada?

Arnulf Deppermann – No mundo todo? Creio que certamente é mais forte na Escandinávia. Na Finlândia, por exemplo, a linguística interacional — se a compararmos com a Alemanha — tem estatuto de corrente principal. Em muitas áreas dos estudos da linguagem naquele país, trata-se simplesmente de uma abordagem comum e, em alguns casos, até mesmo predominante. A Alemanha, naturalmente, é um país muito maior, de modo que também acontece bastante coisa aqui. Não sei inteiramente qual será o futuro. A senhora também mencionou isso no início: muitos pesquisadores importantes da área já se aposentaram. [...] Nos Estados Unidos, os principais pesquisadores ainda não estão, em sua maioria, na linguística. Há alguns, mas mesmo estes, como Barbara Fox³⁶ e Sandra Thompson,³⁷ estão agora se retirando. Chase Raymond,³⁸ é verdade, está na linguística. Ainda há algumas pessoas na sociologia e, sobretudo, nas ciências da comunicação. Os departamentos de comunicação de lá são simplesmente muito diferentes dos da Alemanha. Na Alemanha, os estudos de comunicação hoje têm, em sua maioria, uma orientação quantitativa. [...]

Ulrike Schröder – Como o senhor vê a situação fora do mundo ocidental?

Arnulf Deppermann – Na China, estamos observando uma enorme expansão da linguística interacional. Percebo isso em certa medida porque sou editor associado do *Journal of Pragmatics*. Hoje recebemos um grande número de submissões da China, com uma proporção substancial dedicada a temas de linguística interacional. É interessante — e certamente também está relacionado à estrutura do chinês — que eles façam exatamente o que

³⁶ <https://www.colorado.edu/linguistics/barbara-fox>

³⁷ <https://www.linguistics.ucsb.edu/people/sandra-thompson>

³⁸ <https://www.chasewesleyraymond.com/>

se encontra também entre alemães e finlandeses: apreciam particularmente os estudos de partículas. Esse é um tema especialmente popular também no Japão. No Japão, há um número considerável de pessoas trabalhando com linguística interacional. Esses são os dois países fora do Ocidente em que ela é mais praticada. São, de todo modo, os países com maior força de pesquisa fora do mundo ocidental. Em outros países, isso ocorre de modo muito mais esporádico. Há algumas pessoas na Turquia, em Israel e na Indonésia. Também na África. Mas a América Latina — a senhora sabe isso melhor do que eu —, fora do Brasil, é quase um mapa em branco. A análise do discurso, por exemplo, é muito proeminente ali.

Ulrike Schröder – Sim, inclusive as duas vertentes são frequentemente misturadas. De modo geral, tenho a impressão de que ela é um pouco menos proeminente nos países de línguas românicas.

Arnulf Deppermann – Sim, sem dúvida. Na Itália, há algumas pessoas fazendo linguística interacional, especialmente também na interseção com temas mais aplicados, como medicina, psicologia e assim por diante — Renata Galatolo,³⁹ Marilena Fatigante⁴⁰ e pessoas como elas fazem esse tipo de trabalho ali. Aqui na Alemanha, Elwys De Stefani,⁴¹ por exemplo, também trabalha nos estudos italianos. Na Espanha, há surpreendentemente pouco. Na França, tornou-se muito menos presente desde que a área em Lyon deixou de ser tão forte. Em contrapartida, a pesquisa na Suíça francófona é mais forte; com Simona Pekarek Doehler,⁴² por exemplo, e, de uma perspectiva etnometodológica, Esther González-Martínez,⁴³ há pesquisadores ativos na Suisse Romande.

Ulrike Schröder – Sim, é verdade. Uma pergunta sobre *corpora*, sobre o AGD⁴⁴ e o corpus FOLK.⁴⁵

³⁹ <https://www.unibo.it/sitoweb/renata.galatolo>

⁴⁰ <https://emcawiki.net/bibtex/browser.php?author=Marilena+Fatigante>

⁴¹ https://www.uni-heidelberg.de/rose/personen/de_stefani.html

⁴² <https://www.unine.ch/isla/biographie/simona-pekarek-doebler>

⁴³ <https://studies.unifr.ch/en/doctorat/soc/sociologyfrench>

⁴⁴ https://agd.ids-mannheim.de/index_en. AGD é a sigla de *Archiv für Gesprochenes Deutsch* (Arquivo do Alemão Falado).

⁴⁵ <https://agd.ids-mannheim.de/folk>. FOLK é a sigla de *Forschungs- und Lehrkorpus Gesprochenes Deutsch* (Corpus de Pesquisa e Ensino do Alemão Falado).

Arnulf Deppermann – AGD é o Arquivo de Alemão Falado; FOLK é um corpus separado.

Ulrike Schröder – Sim, um corpus separado. Atualmente, há esforços para realizar comparações europeias. Uwe Küttner⁴⁶ e Jörg Zinken⁴⁷ escreveram um artigo que usei recentemente em uma disciplina, e ele me fez retomar uma questão: O artigo tratava de conversas em família durante o café da manhã; era uma espécie de primeira comparação — conversas de café da manhã de famílias polonesas, alemãs e britânicas, e assim por diante. Também discutimos isso na disciplina que ministrei: qual é a situação aqui no Brasil? E perguntamo-nos: em que medida um corpus desse tipo representa um recorte transversal de um país, de uma sociedade ou de um grupo cultural? Não é nada fácil encontrar pessoas que possam ser efetivamente gravadas, especialmente fora dos estratos de maior escolaridade. Muitas gravações com esses grupos estão sempre super-representadas no corpus; por exemplo, há muitos contextos educacionais — escolas ou universidades — e, em geral, estudantes universitários são automaticamente mais acessíveis. Foi o nosso caso também, por exemplo, com intercambistas, aos quais se pode ter acesso com maior facilidade. Mas, com sociedades cada vez mais fragmentadas — e com isso me refiro a sociedades em muitos países diferentes —, perguntei-me se isso é, de alguma forma, representativo. Essa questão voltou à minha mente quando examinei aquelas conversas durante o café da manhã. [...]

Arnulf Deppermann – A questão da representatividade do corpus nos ocupou muito desde o início do desenvolvimento do FOLK. Não quero entrar em todos os aspectos que poderia mencionar aqui, mas uma questão é, naturalmente: o que entendemos, em primeiro lugar, por representatividade? Isso não é nada fácil de responder. Começamos pelo ponto que a senhora também mencionou: quais grupos sociais estão de fato representados no corpus? O que a senhora diz é absolutamente correto. Nos primeiros anos do corpus, tínhamos uma predominância muito forte de estudantes, porque essas gravações eram simplesmente as mais fáceis de obter. É claro que posso ministrar disciplinas e dizer: por favor, gravem

⁴⁶ <https://www.ids-mannheim.de/prag/personal/kuettner/>

⁴⁷ <https://www.ids-mannheim.de/prag/personal/zinken/>

conversas em seu apartamento compartilhado. Essas são as conversas mais fáceis de conseguir. Nos últimos anos, em uma publicação de maior porte e em outra menor, desenvolvemos reflexões detalhadas sobre o conceito de estratificação, perguntando: como o corpus deve ser desenvolvido para satisfazer melhor determinados critérios de representatividade? Isso levou à decisão de que uma direção da ampliação do corpus seria a seguinte: concentrar-nos-íamos em conversas telefônicas e tentaríamos realmente preencher as lacunas regionais e etárias. Isso significa que realizamos campanhas de gravação direcionadas, por exemplo, na Saxônia ou no leste da Alemanha e no norte da Alemanha — regiões que anteriormente estavam ausentes da área linguística alemã. Em segundo lugar, também prestamos muita atenção à inclusão de mais pessoas idosas no corpus. O terceiro aspecto está surgindo agora: quando planejamos o FOLK pela primeira vez, de 2006 a 2008, ele foi concebido de maneira muito clara como um projeto para o alemão falado. Hoje vemos que a realidade social mudou de tal forma que se deve levar cada vez mais em conta o multilinguismo. Eu não diria que o buscamos ativamente, porque não podemos transcrever 120 línguas ou algo similar. Não teríamos capacidade para isso, e tampouco poderíamos anotá-las. Mas, naturalmente, hoje temos cada vez mais conversas em que a alternância de códigos desempenha um papel e em que aparecem línguas com as quais podemos lidar aqui em alguma medida, como turco, italiano, russo e ucraniano. Esse é o próximo passo. Estamos cientes de que os aspectos sociodemográficos precisam ser ampliados. Isso ocorre cada vez mais no corpus FOLK. [...] Nada disso se aplica ao PECII.⁴⁸ O PECEI é esse corpus comparativo europeu. Havia uma lógica completamente diferente por trás dele. Jörg Zinken e Giovanni Rossi⁴⁹ o desenvolveram principalmente para o italiano. E as línguas incluídas atualmente são alemão, italiano, polonês, finlandês — não sei se dados em francês também estão incluídos —; o inglês e o hebraico deverão ser acrescentados. A ideia era, antes, encontrar contextos de atividade que ocorressem regularmente em todas essas línguas ou culturas. Eram cafés da manhã em família com crianças, viagens de carro com amigos e jogos de tabuleiro. Não tem qualquer pretensão de representatividade, mas sim uma pretensão de

⁴⁸ https://agd.ids-mannheim.de/PECEI_extern.shtml. PECII é a sigla de *Parallel European Corpus of Informal Interaction* (Corpus Europeu Paralelo de Interação Informal).

⁴⁹ <https://soc.ucla.edu/person/giovanni-rossi/>

padronização: diz-se, realizamos atividades semelhantes; como elas se apresentam em diferentes línguas e culturas? A questão de saber se são realmente culturalmente representativas é outra. Sim, sei que há pessoas que criticam isso e dizem: isso é tão estereotipado, essa ideia heteronormativa da família nuclear que é tomada como modelo normativo. Podemos discutir se essa é uma crítica adequada ou supérflua, mas a questão não é a representatividade; os dados são muito pequenos para isso. A representatividade da dimensão social era, contudo, a ideia original do FOLK, isto é, representar no corpus todo o universo comunicativo — toda a gama de tipos de interação e gêneros que existem em nossa sociedade. E aí, naturalmente, simplesmente se encontram limites, porque certos contextos não são acessíveis. O conflito está sub-representado.

Ulrike Schröder – Exatamente, também anotei isso, porque considero um tema muito instigante, especialmente de uma perspectiva comparativa.

Arnulf Deppermann – Sim, e isso realmente não está presente no *corpus* FOLK. Depois, naturalmente, há certos gêneros que simplesmente não se consegue incluir. Não podemos gravar negociações coletivas de trabalho. Para um corpus público, não podemos incluir comunicação médica, porque ela não é autorizada para tais finalidades. Pode-se obter autorização para um projeto de pesquisa, mas não para um corpus aberto ao público acadêmico, no qual um número muito grande de pessoas pode fazer qualquer coisa com os dados. Temos ao menos temas como fisioterapia, mas não temos psicoterapia nem nada similar. Há limites claros. Eles estão relacionados à proteção de dados e ao acesso. Não temos comunicação aristocrática no corpus. Há estratos sociais que se fecham; eles se opõem a ser estudados. Tampouco temos comunicação de tomada de decisão entre banqueiros ou algo desse tipo. Quando segredos comerciais desempenham um papel, também não conseguimos acesso. Há simplesmente muitos segmentos da prática social nos quais não podemos entrar.

Ulrike Schröder – Sim, isso é lamentável, mas creio que todos os pesquisadores da área têm esse problema. Uma pergunta sobre o ponto que o senhor acabou de abordar a respeito das transcrições: começamos agora a nos ocupar mais de perto da transcrição automática, isto é, do reconhecimento automático de fala, e no ano passado realizamos uma

oficina sobre isso com Jan Gorisch,⁵⁰ do IDS. Desde então, temos utilizado o aTrain.⁵¹ Há estudos que sugerem que isso ainda não faz diferença em termos de velocidade. É preciso saber que, diferentemente da Alemanha, no Brasil temos uma série de problemas institucionais: não temos nem um corpo acadêmico intermediário (*Mittelbau*) nem apoio de secretaria. Isso significa que fazemos tudo por conta própria. Além disso, observamos que muitas pessoas preferem escrever suas dissertações de mestrado ou teses de doutorado sobre temas e em áreas menos exigentes, no sentido de que a coleta de dados e sua transcrição não são necessárias. Nesse aspecto, o ASR é muito útil. Combinado com nosso foco na interação intercultural, ele representa um alívio adicional, ao menos quando se tem muita experiência de transcrição. Pode-se então dizer: muito bem, este primeiro passo pode ser realizado inicialmente por meio de ASR apoiado por inteligência artificial; depois, entra-se para verificar e modificar o resultado e, em seguida, acrescentam-se os aspectos prosódicos e os recursos corporais. Por fim, no Brasil, corre-se sempre o risco de ficar para trás, porque, em comparação com a Europa ou os Estados Unidos, simplesmente não dispomos do mesmo volume de recursos financeiros, muito menos temos acesso a desenvolvimentos tecnológicos que hoje avançam com enorme rapidez e custam dinheiro. Não temos acesso algum a eles. Uma questão, portanto, é: como o senhor vê a transcrição automática? Ao longo dos anos, experimentei como é valioso transcrever e como, ao mesmo tempo, novos temas se desenvolvem pelo processo da transcrição. A pessoa realmente acompanha os dados; experiencia a sequencialidade e as coocorrências. Então percebe: muitas coisas estão acontecendo aqui ao mesmo tempo; algo interessante está acontecendo ali; vou voltar a isso. E, por fim, talvez até modifique o tema de pesquisa que tinha no início. Para alguém que trabalha desde o começo com ASR, essa experiência é encurtada. Essa pessoa não a conhece. Em que medida isso é um problema? Que discussões existem a esse respeito? E, sobretudo, como o senhor vê isso diante do pano de fundo da multimodalidade? Muita coisa está acontecendo nessa área agora. Mas, para aqueles que não trabalham necessariamente no âmbito da análise da conversa, está se tornando cada vez mais difícil sequer ler as transcrições;

⁵⁰ <https://www.ids-mannheim.de/prag/personal/gorisch/>

⁵¹ <https://business-analytics.uni-graz.at/en/research/atrain/>

além disso, cada um faz, de forma esporádica, algo diferente com a transcrição.

Arnulf Deppermann – Quanto à primeira questão: aqui, no âmbito do projeto FOLK, realizamos regularmente estudos sobre a eficácia da transcrição automática. No momento, a situação ainda é que ela de fato compensa apenas em medida muito limitada — ao menos quando se aplicam os critérios de uma transcrição GAT.⁵² E ela só compensa quando se têm interações diádicas, sem ruído de fundo significativo, com poucas sobreposições e sem dialeto. Se essas condições forem atendidas, ela pode de fato economizar tempo. Mas, em todas as condições que envolvem multiatividade, isto é, muitos participantes, falantes que usam dialeto, má qualidade de som e assim por diante, ela é antes inútil. Nesse caso, esse tipo de transcrição pode, no máximo, fornecer uma espécie de visão geral do conteúdo das conversas, de modo que se tenha uma orientação aproximada: o que estão fazendo aqui? O que estão fazendo ali? Sobre o que estão falando, afinal? Mas então não se trata realmente de uma transcrição; é mais uma espécie de indexação aproximada do conteúdo. Isso também pode ser significativo quando se dispõe de quantidades muito grandes de dados. Se se quiser produzir algo assim, pode-se tomar transcrições geradas automaticamente, editá-las, resumi-las um pouco e colocá-las em uma forma escrita adequada. Mas, estritamente falando, isso não é realmente uma transcrição. Eu mesmo ainda transcrevo muito. E penso — aqui concordaria plenamente com o que a senhora disse — que isso é importante para mim pessoalmente. Também recebo dados pré-transcritos por um assistente estudantil, no nível mínimo do GAT e, às vezes, também no nível básico, mas já começa aí o fato de que frequentemente retrabalho de maneira muito extensa essas transcrições básicas, porque faria isto ou aquilo de outro modo, porque ouço isto ou aquilo de modo diferente. E penso que não se trata apenas da transcrição como parte dos dados a partir dos quais se desenvolve a análise; trata-se também, naturalmente, do fato de que se ouvem os dados com maior precisão quando se precisa tomar

⁵² GesprächAnalytischen Transkriptionssystem, versão em português: SCHRÖDER, Ulrike; MENDES, Mariana Carneiro; PIRES, Caroline Caputo; SILVA, Diogo Henrique Alves da; NASCIMENTO, Thiago da Cunha; PAULA, Flavia Fidelis de. *Um sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2*. Veredas – Revista de Estudos Linguísticos, v. 20, n. 2, p. 6–61, 2016, <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/28203>

conscientemente decisões de transcrição. Ao fazê-lo, percebem-se muitos fenômenos nos dados dos quais, de outro modo, não se teria tomado consciência. Isso também é o que Gail Jefferson⁵³ sempre dizia. E é interessante que Jefferson de fato derivava todas as suas questões de pesquisa da prática da transcrição. Risos, pausas, sobreposição: tudo foi o que Jefferson investigou e nunca surgiram de alguma concepção teórica da interação ou de alguma questão socioteórica, como em Goffman ou outros; surgiram sempre da prática da transcrição. Eu não transformaria isso em dogma. Não diria nem que a transcrição já é a análise — não, não é —, nem que só se podem gerar questões pertinentes ao transcrever os próprios dados. Mas penso que a transcrição é uma fonte absolutamente essencial para identificar fenômenos, chegar a questões de pesquisa e perceber precisamente coisas novas que não provinham já da própria teoria ou da questão de pesquisa. Considero isso muito importante, e isso deve continuar a ser ensinado. Não se pode nem se deve pular esse ponto e dizer: que maravilha, no FOLK já temos todas as transcrições, e agora as pessoas só precisam aprender a analisar. Isso é completamente equivocado. Trata-se de um ofício que as pessoas naturalmente precisam aprender. A segunda questão da senhora dizia respeito à transcrição multimodal. Sim, também vejo, mesmo dentro da análise da conversa, que muitas pessoas dizem: não leio essas transcrições. De todo modo, eu mesmo não as faço; não as leio absolutamente. Em vez disso, ((ri)) aparece uma transcrição e então elas dizem: onde continua?

Ulrike Schröder – Às vezes, a leitura de uma transcrição torna-se uma tarefa incrivelmente difícil, até hoje, mesmo para mim. Às vezes é muito difícil compreender: de que se trata? Porque falta o contexto, ou porque algo não foi formulado adequadamente para explicar: a transcrição começa exatamente no ponto seguinte. E A é esta pessoa, e B é aquela pessoa.

Arnulf Deppermann – Sim, exatamente. Creio que poderíamos falar sobre isso por muito tempo. Talvez alguns pontos. Primeiro, penso que o termo “transcrição” é enganoso. Veja, quando se tem uma convenção como o GAT, pode-se dizer: muito bem, temos diferentes níveis de precisão da

⁵³ https://emcawiki.net/Gail_Jefferson

transcrição, mas, no nível de precisão adotado, a convenção específica de maneira praticamente determinística o que e como se deve transcrever.

Ulrike Schröder – Sim.

Arnulf Deppermann – Isso nunca ocorre com a multimodalidade. Trata-se, antes, de recursos para anotar algo, mas não existe uma convenção de transcrição multimodal que diga que se deve transcrever o uso de objetos, os gestos, a expressão facial — seja o que for. Isso significa que, desde o início, não se pode decidir, com base na convenção de transcrição, o que deve ser transcrito. Inversamente, porém, a transcrição é, em grau ainda maior, o resultado da análise em termos de seletividade e granularidade — de quão precisamente ela é feita. Isso significa que ela emerge no decorrer da análise. Por exemplo, nunca peço a assistentes estudantis que façam transcrições multimodais. Isso não faz sentido algum. Tentei fazer isso durante alguns anos, ou talvez por um ou dois anos, e então percebi: é simplesmente um desperdício do tempo de trabalho. Joguei tudo fora. Naturalmente, isso também frustra as pessoas ((ri)), porque então elas têm a sensação de que fizeram tudo errado. Mas não necessariamente fizeram algo errado; elas não podiam saber o que era relevante nem como categorizar de maneira significativa aquilo que se vê, porque não tinham uma questão de pesquisa e porque elas próprias não haviam trabalhado analiticamente com os dados. E, por essa razão, produzir uma transcrição desse tipo é um processo integralmente diferente e envolve um tipo integralmente diferente de prestação de contas ao decidir por que represento algo aqui. Segundo: é sempre muito importante refletir sobre o que coloco na transcrição, o que mostro por meio de imagens estáticas, onde preciso posicioná-las e de quais delas necessito para transmitir uma impressão visual evidente, de caráter gestáltico, do que está acontecendo. Quero dizer, se agora tenho cinco linhas de anotação sob cada contribuição de um falante, a gestalt multimodal se perde completamente. Já não consigo imaginar o que está acontecendo. Para isso, é preciso fazer uma seleção significativa — e uma seleção que tenha sido, de alguma maneira, testada analiticamente — para que se possa dizer: o que é realmente necessário anotar aqui e o que deixo de fora? Em alguns colegas, observo que, a partir de uma compreensão um tanto equivocada de precisão ou completude, eles colocam na transcrição todo tipo de coisa que nunca é abordada analiticamente e que tampouco

desempenha papel algum naquilo que se pretende analisar. Penso que é preciso ser seletivo para produzir uma transcrição que ainda possa ser recebida. Então, naturalmente, já não se está no critério de Sacks da transcrição como meio de verificação, porque as transcrições são o instrumento por meio do qual todo leitor pode verificar a análise. Contudo, se inevitavelmente tenho de ser seletivo, então, como leitor, sempre se pode dizer: bem, talvez tenha acontecido ali alguma outra coisa que foi bastante decisiva para o curso da interação, mas talvez isso não tenha sido transcrito aqui; portanto, não posso avaliar o valor da análise. Esse é um dilema que não se pode contornar. Só é possível contorná-lo com dados como os do FOLK. Quero dizer, quando escrevo um artigo com dados do FOLK, sempre forneço a fonte do corpus. As pessoas podem então se registrar no DGD e consultar os dados. Mas não posso garantir, por meio da transcrição, que a verificabilidade em uma análise multimodal já seja garantida pelas anotações. [...]

Ulrike Schröder – E produz-se cada vez mais, com rapidez cada vez maior, segundo critérios sempre novos e com ferramentas cada vez mais inovadoras.

Arnulf Deppermann – Sim. O que seria desejável é que nós, na linguística, criássemos uma consciência mais forte do papel em que o corpo é relevante para a prática linguística. Isso não se alcança por meio das transcrições multimodais mais detalhadas possíveis, mas por meio de representações mais focalizadas. Se tudo se torna detalhado demais, já não alcança ninguém.

Ulrike Schröder – Professor Deppermann, essas eram minhas perguntas. Muito obrigada por suas respostas detalhadas e por seu tempo.

Arnulf Deppermann – Sim, obrigado, Professora Schröder, por seu interesse. Fico contente que a senhora queira saber tudo isso.

Agradecimentos:

Agradeço profundamente ao Prof. Dr. Arnulf Deppermann pela disponibilidade e pelo tempo dedicado à entrevista. Agradeço, ainda, à

Fundação Alexander von Humboldt (AvH) pelo generoso financiamento concedido durante meu estágio de pesquisador sênior na Justus-Liebig Universität Gießen; ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa referente ao período de 2025 a 2028; à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pelo financiamento concedido no âmbito do Programa Demanda Universal, para o período de 2024 a 2027; e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) junto ao Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), pelo apoio recebido por meio do Programa Probral, no período de 2024 a 2026.

SCHRÖDER, Ulrike. Entrevista com Arnulf Deppermann. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 16, e97368, 2026. DOI: 10.36517/ep16.97368⁵⁴

⁵⁴ Embora a NBR 6023:2025 recomende o entrevistado como primeiro elemento, optamos por referenciar pelo nome da entrevistadora por ser a responsável autoral no sistema editorial da revista.